

“Há milhares de pessoas que naufragam no porto”

O título deste breve ensaio, “há milhares de pessoas que naufragam no porto”, retirado do livro *Shipwreck with Spectator* de Hans Blumenberg, pode numa primeira instancia provocar a ideia de que muitos artistas emergentes “morrem na praia” mesmo antes de começarem a sua atividade. Este pensamento é desenvolvido através da metáfora do naufrágio que o autor refere e apresenta sobre várias perspetivas. No entanto afirmar algo como o descrito acima, pode ser perigoso e ao mesmo tempo provocador. Perigoso porque a metáfora tem a capacidade de produzir várias interpretações dependendo onde a queremos associar e provocador no sentido em que o “que confere segurança” cria uma dependência, que por vezes é difícil de contornar. Um artista que está a iniciar a sua atividade coloca em perspetiva várias opções de abordagem, do objeto artístico, da exposição, assim como a interação com o público, onde as dúvidas sobre qual e como será a receção, são recorrentes. E se é verdade que o objeto artístico não existe sem o seu criador (o artista), também não vive se não houver quem o veja e pense sobre ele. A partir deste pensamento gera-se um paralelismo com a ideia de mar violento e instável que se torna imprevisível nas suas ações. A reação do espectador ao objeto pode ser comparada a este mar uma vez que à priori não se saberá qual será a reação dele antes de ver a obra. Assume-se então que a prática artística é também ela atribulada e por vezes esmagadora.

Neste seguimento de ideias, podemos trazer à discussão a referência que Blumenberg faz a *Deadalus*, onde apresenta três elementos proibidos aos homens; “voar pelo ar, navegar pelo mar e roubar fogo” e coloca-os no mesmo contexto. No entanto ele mesmo refere o quão curioso é ter deixado a terra de fora, como sendo o único sitio onde é apropriado ao homem viver. É a partir desta ideia que se associa a vontade do artista querer “quebrar regras”, de ser o “desestabilizador” que cria cenários imaginários. Por outro lado, o papel do artista é mostrar mais além daquilo que conseguimos ver e por isso a metáfora do naufrágio associada hoje às artes plásticas, pode ser tomada como aquilo que o artista tem de enfrentar, agarrando-se por vezes a tábuas que flutuam e que salvam das correntes fortes, quando o navio afunda.

O texto de Blumenberg é um ótimo exemplo de como uma boa metáfora consegue adequar-se a diversas situações. Um exemplo disso é o momento em que ele refere a carta que o príncipe de Ligne escreveu ao seu antigo tutor, onde diz que ele lhe ensinou tudo menos

nadar. Automaticamente faz-se uma associação entre o artista e academia, isto é, a instituição que fornece todas as ferramentas ao aluno, menos o que vem depois. Como resiste o artista? Neste caso podemos assemelhar-nos ao príncipe que apesar de não saber nadar, não evita que o naufrágio aconteça. Tem a capacidade de conseguir salvar-se por conta das pranchas de madeira.

No entanto de modo provocatório ao que se escreveu anteriormente, tal como o príncipe, é-nos dadas as ferramentas para conseguirmos responder à pergunta, o que vem depois; como prosseguir. É, portanto, relevante pensar como “Eu” artista consigo sobreviver no meio de um mar extenso de imagens que chegam a cada segundo que passa. Como é que aquilo que produz pode sobressair, no meio de tanta oferta.

A frustração do naufrágio

A produção de novos trabalhos, novas matérias, algo que seja relevante e que faça sentido numa investigação, causa em determinados momentos frustração. Em alguns casos, por não conseguir encontrar caminhos que mostrem resultados, em outros momentos, por não se conseguir implementar formas ou padrões que possam ajudar a lidar com esses momentos de naufrágio.

No entanto a evolução de um projeto prende-se em volta de inúmeras fórmulas que se desenvolvem sobre diferentes perspetivas. Nesse sentido o caminho de A para B por vezes não segue uma linha reta, podendo desenvolver-se em C e D antes de chegar ao B. Nesta deambulação é normal que a frustração se mostre de forma mais evidente, e por isso é importante, permitirmo-nos deixar estar na “nuvem”, onde divagamos e experimentamos sem a pressão de ter de ter algo em concreto, mas que permita percorrer um caminho que ajude na perceção daquilo que se quer ou não fazer.

O naufrágio torna-se mais propício quando falamos de um projeto exploratório, onde os diferentes resultados, podem mostrar-se como ondas que inesperadamente surgem. No entanto, neste caso, considera-se que o naufrágio é algo bom, uma vez que é através da deambulação (e aqui fala-se de uma deambulação um tanto quanto controlada) que se consegue chegar a novas abordagens, onde surgem novas ideias e caminhos para explorar.

Assim a frustração deixa de ser desapontamento e passa a ser vista como uma oportunidade.

Ode à Memória

No leque de oportunidades da frustração, surge a *Ode à Memória*, um manifesto visual de um vestígio de paisagem que ficou retida na memória e que continua a reproduzir-se sobre diferentes moldes, cores e gestos. Uma imagem idílica, que não existe, mas que é um acumular de paisagens gravadas no consciente e inconsciente.

Como se fosse a página de um diário, essa imagem é criada e apresentada em livro, acompanhada de um poema de Alberto Caeiro, que ecoa como se a imagem tenta-se falar através dele.

*Só a Natureza é divina, e ela não é divina...
Se às vezes falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às coisas,
E impõe nome às coisas.*

*Mas as coisas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande e a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...*

*Bendito seja eu por tudo quanto não sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.*

Alberto Caeiro

O que aqui se tenta representar, é a importância e imponente que a natureza tem, fazendo-o através dos seus solos. Deslocar o chão do seu lugar, para um novo espaço. Pensa-lo, não como chão, mas como algo mais. Colocar o chão como parede, ou como teto. Aprender sobre ele, e ver a natureza, muito mais além do primeiro impacto que ela cria.

...Bendito seja eu por tudo quanto não sei...

é a frase chave que impulsiona tudo aquilo que não sei, mas que procuro descobrir, que faz navegar e descobrir a divindade não divina que é a natureza.